

UCRÂNIA: TRÊS ANOS E UM ACORDO NEGOCIADO?

Por Gabriel Camilli*



Imagem gerada por inteligência artificial.

A Europa observa atônita enquanto Trump negocia a Ucrânia com Putin, e Zelensky diz que excluir a Ucrânia das conversações é “muito perigoso”; mas há muito mais em andamento, nos bastidores.

Já se passaram três anos desde a retomada da guerra europeia, ou guerra ucraniana (lembre-se de seu início em 2014). Gostaríamos de destacar algumas considerações geopolíticas, estratégicas e operacionais deste doloroso conflito entre primos ou irmãos.

Nos últimos dias, a primeira rodada de negociações intensivas entre as delegações russa e americana ocorreu em Riad, Arábia Saudita, para negociar o fim da guerra na Ucrânia.

A reunião, realizada no suntuoso palácio real de Al Diriyah, no complexo de Albasateen, contou com a presença de algumas das figuras mais influentes da política externa dos Estados Unidos e da Federação Russa: um encontro no qual Moscou reiterou suas — já amplamente conhecidas — “linhas vermelhas” para encerrar o conflito e encontrar, quase três anos após o início das operações em 24 de fevereiro de 2022, um acordo negociado.

DECLARAÇÕES DE MEARSHEIMER

No campo das relações internacionais, recapitulando uma reportagem de Pablo Pardo no *El Mundo*, vamos destacar os aspectos mais importantes das recentes declarações de John Mearsheimer, úteis para esta ocasião.

1. *“A principal causa desta guerra é a decisão dos EUA e dos seus aliados europeus de fazer da Ucrânia um bastião do Ocidente nas fronteiras da Rússia, e que isto tem três dimensões: um, aproximar a Ucrânia da OTAN; dois, aproximá-la da UE; e três, fazer da Ucrânia uma democracia liberal com tendências pró-ocidentais. Todas as três dimensões eram de grande preocupação para a Rússia, mas a expansão da OTAN era uma ameaça existencial para Moscou. Putin alertou que não permitiria isso.”*

“No entanto, os EUA e seus aliados europeus decidiram forçar a entrada da Ucrânia na OTAN goela abaixo da Rússia.”

“A outra teoria (a Rússia quer anexar toda a Ucrânia), a mais amplamente aceita, não tem base real. É verdade que Putin vê russos e ucranianos como parte da mesma nação. Mas não há evidências de que ele tenha invadido a Ucrânia por esse motivo. No artigo publicado por Putin em 12 de julho de 2021, descrevendo sua visão de que russos e ucranianos fazem parte da mesma tribo, ele deixou claro que respeita a soberania ucraniana. Putin tentou evitar uma guerra com a Ucrânia e o Ocidente. O surpreendente é o quão pouco fizemos para falar com os russos.”

2. O Ocidente não quis negociar? *“Porque achava que iria vencer esta guerra.”*

3. *“Deve ser lembrado que o Ocidente estava armando a Ucrânia desde 2014, e as Forças Armadas ucranianas se tornaram formidáveis, e a força com a qual a Rússia invadiu a Ucrânia era na verdade bem pequena, cerca de 100.000 soldados. Além disso, o Ocidente acreditava que sanções econômicas colocariam a Rússia de joelhos. Foi um golpe duplo: interromper a invasão militar e impor um custo econômico tão grande à Rússia que ela acabaria admitindo a derrota. Mas a Rússia sempre quis um acordo. Russos e ucranianos negociaram na Bielorrússia e em Istambul. Houve também mediação israelense com o então primeiro-ministro daquele país, Naftali Bennett. As negociações, que giravam em torno da ideia de a Ucrânia não aderir à OTAN, estavam avançando, até que os EUA e o Reino Unido (como já dissemos várias vezes) disseram aos ucranianos para abandoná-las. O resultado disto é que a Ucrânia perderá uma grande parte do seu território e será reduzida a um estado disfuncional.”*

4. *“A Rússia concebeu a guerra para forçar a Ucrânia a retornar à mesa de negociações. Como os russos não conseguiram persuadir nem os ucranianos nem os americanos a negociar nos meses que antecederam a guerra, sua invasão enviou um sinal aos ucranianos de que eles estavam falando sério. Mais tarde, os americanos e os britânicos torpedearam essas negociações. Mas os russos só queriam a Crimeia e estavam dispostos a fazer um acordo que deixaria Donbass dentro da Ucrânia sob um Acordo de Minsk revisado [uma série de tratados que deveriam evitar uma guerra entre a Rússia e a Ucrânia sobre Donbas].” Neste ponto, reiteramos muitas vezes certas semelhanças com a recuperação das Ilhas Malvinas e a constante*

teimosia britânica em querer a vitória a sangue e fogo, razão pela qual Thatcher ordenou o naufrágio do cruzador *Belgrano* e atolou e torpedeou as negociações que estavam sendo conduzidas pelo presidente peruano F. Belaúnde Terry.

5. “...quando a OTAN anunciou em julho de 2008 que estava abrindo suas portas para a Ucrânia e a Geórgia, os russos deixaram claro que isso era inaceitável. Um mês depois, a guerra eclodiu na Geórgia por esse motivo. Após a oferta da OTAN à Geórgia e à Ucrânia, o embaixador dos EUA em Moscou, Bill Burns, que agora é diretor da CIA, escreveu um memorando à então secretária de Estado, Condoleezza Rice, explicando que aceitar a Ucrânia na OTAN seria visto como uma ameaça existencial não apenas por Vladimir Putin, mas pela maioria dos russos. A chanceler alemã, Angela Merkel, disse mais tarde que estava ciente de que Putin interpretaria isso como uma declaração de guerra. Em 2014, quando a Rússia atacou a Ucrânia, os EUA novamente não se retiraram, mas se envolveram mais no conflito. Temos redobrado os esforços em cada momento decisivo.”

ESTRATÉGIA OPERACIONAL

A seguir, faremos algumas considerações relacionadas ao nível de estratégia operacional (como gosto de chamá-la) ou simplesmente nível operacional. Para tanto, recorro à contribuição e opinião do coronel (R) Fernando Duran.

“Esta guerra, juntamente com a incorporação maciça de veículos não tripulados nos domínios terrestre, aéreo, naval e de informação, também viu uma expansão sem precedentes de pau para toda obra, estrategistas de guerra, estrategistas de teclado de guerra de diferentes tipos que contribuíram para tornar a já densa Névoa da Guerra 2.0 ainda mais densa (CY Camilli dixit). Esses amadores viam em cada tanque destruído, em cada avanço ucraniano, em cada navio afundado ou avião abatido sinais inconfundíveis da derrota inexorável da Rússia nas mãos das forças do mundo livre baseadas em regras — as regras deles, não as do resto do mundo. E analisar a guerra na Ucrânia de uma perspectiva tática mostra uma falta de conhecimento desse fenômeno social complexo que é a guerra.”

Portanto, para falar do nível operacional da guerra na Ucrânia, devemos começar pela política, porque como disse Clausewitz, “a guerra é a continuação da política por outros meios” e para avaliar o progresso da guerra, não basta contar os tanques destruídos, mas o grau de cumprimento dos objetivos.

Os objetivos da Rússia são aqueles delineados pelo presidente Putin em sua diretiva de 24 de fevereiro de 2022: proteger a Crimeia e o Donbass, desmilitarizar e desnazificar a Ucrânia. Os objetivos da Ucrânia são manter sua integridade territorial e, em conjunto com os objetivos da OTAN, degradar e, se possível, balcanizar a Rússia.

SETE FASES

Com base nos objetivos definidos, a guerra pode ser dividida em sete fases:

Fase 1, manobra operacional ofensiva russa (24-02-22 a 07-04-22): o objetivo operacional russo era a conquista da ponte terrestre da Crimeia, daí a importância da Batalha de Mariupol. Para atingir esse objetivo, os russos precisavam manter forças em Kiev (Batalha de Hostomel) e em Odessa (manobra operacional naval que terminou com o naufrágio do *Moskva*) para impedi-los de reforçar Mariupol. Segue-se disto que a narrativa atlantista de que os russos falharam ao não conquistar Kiev é falsa e pertence ao reino da imaginação dos atlantistas.

Fase 2, redistribuição russa (07-04-22 a 29-08-22): o grande erro da Rússia foi subestimar a ajuda que a OTAN havia fornecido à Ucrânia desde 2014 e forneceria no futuro. Esse apoio da OTAN garantiria três questões críticas: inteligência, comando e controle, profundidade estratégica e logística, questões que os russos não poderiam afetar sem intensificar o conflito. Essas considerações provavelmente forçaram os russos a se retirarem do norte da Ucrânia e a incluir em seu objetivo estratégico final o rebaixamento da OTAN na Ucrânia.

Fase 3, contra-ataques ucranianos (29-08-22 a 11-11-22): A Rússia decidiu se concentrar na libertação de Donbass e os ucranianos lançaram dois contra-ataques em Kherson e Kharkov que lhes permitiram recuperar terreno, mas sem obter resultados decisivos ou fazer com que os russos desviassem forças de Donbass.

Fase 4, defesa ativa russa (11-11-22 a 04-06-23): O início da defesa ativa russa pode ser materializado com a construção da já famosa linha Surovikin e as batalhas de Soledar e Bakhmut onde o sacrifício do Grupo Wagner permitiu que os russos se reorganizassem.

Fase 5, contraofensiva ucraniana (04-06-23 a 04-12-23): A famosa contraofensiva ucraniana de verão que muitos generais da OTAN alegaram que permitiria aos ucranianos tomarem Sol em Simferopol em agosto falhou devido a uma combinação de incompetência e arrogância por parte do lado ucraniano-OTAN, juntamente com a subestimação dos russos (sempre por parte dos ucranianos) resultante de uma interpretação errada dos contra-ataques ucranianos de 2022. Embora a perda de recursos ucranianos tenha sido imensa, o dano moral aos aliados atlantistas causado ao ver suas armas mais modernas (Bradley, Challenger 2, Leopard 2 e Abrams) transformadas em sucata em chamas foi ainda maior, pois demonstrou que o mito da superioridade tecnológica era simplesmente um mito.

Fase 6, defesa ativa russa (04-12-23 a 10-05-24): O objetivo desta fase era criar as condições para a ofensiva, basicamente por meio da modelagem de operações que buscassem proteger flancos, destruir reservas, destruir infraestrutura crítica e interditar suprimentos da OTAN. O componente aeroespacial russo também buscava superioridade aérea na zona de combate, e o componente naval buscava o controle do Mar Negro, pelo menos na área dos gasodutos que transportam gás para a Turquia e Hungria.

Fase 7, ofensiva russa (de 10-05-24 até hoje): Esta ofensiva, descentralizada em cada comando operacional, foi sem dúvida lenta, mas bem-sucedida, levando

as tropas russas a quatro quilômetros de um dos dois pontos decisivos em Donbass, Pokrovsk, libertando cidades operacionalmente importantes como Marjinka, Avdeevka, Kurakhovo e Velika Novosyolka, mas também conseguindo formar cabeças de ponte a oeste do Rio Oskil, abrindo caminho para Kharkov pelo leste. A Ucrânia tentou deter a ofensiva russa com sua ofensiva de Kursk, que falhou estrategicamente, falhando em minar o apoio a Putin; operacionalmente, falhando em capturar a usina nuclear de Kursk; e taticamente, falhando em capturar as forças russas e impedi-las de continuar atacando Donbass.

ZELENSKY ESTÁ ENCURRALADO?

Em consonância com estas “crônicas antecipatórias” que oferecemos semanalmente aos leitores do Velho General, hoje podemos pensar: Zelensky está encurralado? Os EUA querem negociações com a Rússia e eleições na Ucrânia?

Enquanto bombardeios e confrontos militares continuam a ocorrer em solo ucraniano, o novo presidente dos EUA, Trump, falando a repórteres no Salão Oval da Casa Branca, disse que uma fase preliminar de negociações e “discussões sérias” com seu homólogo russo sobre o futuro da guerra na Ucrânia “já começou”.

O presidente ucraniano Zelensky respondeu a isso em um tom de preocupação e irritação, declarando que considera a possibilidade de discussões entre os Estados Unidos e a Rússia excluindo a Ucrânia “*muito perigosa*” e esperando que Kiev se envolva em novas discussões com o aliado dos EUA sobre a preparação de um plano de cessar-fogo.

A leitura que podemos fazer é que a pressão dos EUA por eleições seria uma “*maneira*” legítima de se livrar de Zelensky e substituí-lo por uma presidência mais inclinada a apoiar um plano de negociação acordado com os Estados Unidos. No entanto, também houve acusações contra os EUA, que, segundo Moscou, iniciaram um processo de influência na política ucraniana no contexto das próximas eleições, visando “*criar um novo partido reservado para um nicho pró-americano*”, capaz de exercer controle, inclusive parlamentar, sobre a eleição do futuro presidente da Ucrânia. Tudo isso está em desenvolvimento, nos bastidores.

Veja como seriam as garantias de segurança militar no caso de um acordo de paz, de acordo com o *New York Times*:

- Qualquer acordo provavelmente envolveria concessões dolorosas por parte da Ucrânia;
- Desdobramento de uma pequena força de manutenção da paz de 7.500 soldados. Eles seriam compostos por países aceitáveis tanto para a Federação Russa quanto para a Ucrânia (atenção especial Argentina/Brasil?);
- Não haverá desdobramento permanente de tropas estrangeiras, mas Kiev poderá destinar um pequeno número de pessoal técnico estrangeiro;
- Sanções imediatas contra qualquer parte caso retome as hostilidades;

- A Ucrânia deve concordar em proibir mísseis com alcance superior a 250 quilômetros;
- À Ucrânia foi prometida a adesão à UE, mas não à OTAN;
- Congelar a guerra nas linhas de frente, com a ideia de que as disputas territoriais serão resolvidas pacificamente em 10 a 15 anos.

Últimas notícias antes do fechamento: *“Zelensky e a Europa em choque: Trump abandona a Ucrânia em favor de Putin? O governo Trump busca eliminar a Ucrânia de qualquer possibilidade de adesão à OTAN e prefere conduzir negociações diretamente com Putin, em uma direção favorável aos interesses russos.”*

Tenha sempre em mente a famosa frase de Kissinger: *“Ser inimigo dos Estados Unidos é perigoso, ser seu aliado é letal.”* Algo que nestas paragens do Sul, muitas vezes na história, a liderança afeita ao *sipaísmo*¹ não levou em conta...

Até a semana que vem.

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*

¹ “Sipaio” era originalmente o nome dado a um membro da tropa de cavalaria de elite das seis divisões de cavalaria do Exército do Império Otomano. No Império Britânico, o termo sipaio referia-se a um nativo da Índia recrutado. Mais tarde o termo se generalizou para definir o nativo de uma colônia simpático aos interesses metropolitanos. Em termos gerais, o termo é usado em espanhol de forma depreciativa para se referir a um capanga pago e/ou mercenário. Na Argentina e no Cone Sul, o termo é utilizado para se referir ao indivíduo que beneficia os interesses estrangeiros em detrimento dos interesses nacionais, especialmente no que se refere aos Estados Unidos ou aos países europeus que colonizaram a região.